

A sacralidade que vem das taças: o uso de bebidas no Mito e na Literatura Nórdica Medieval

Luciana de Campos¹

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i23.29528

Resumo: Desde a Pré-História, tanto os alimentos quanto as bebidas tiveram uma profunda ligação com os rituais religiosos. Utilizadas como uma ponte para se alcançar outros mundos, para invocar os espíritos dos mortos, para comemorar e brindar as vitórias, pedir e, posteriormente agradecer as boas colheitas e a fertilidade constante da terra, das mulheres e dos animais concedidas pelos deuses, bem ser a fonte de inspiração para a criação artística, as bebidas alcoólicas sempre desempenharam um importante papel na esfera religiosa. Na Escandinávia Medieval o hidromel era fundamental em alguns rituais religiosos que envolviam vitórias bélicas e alianças político-militares e foi a bebida que inspirou a criação da poesia tornando-a assim, sagrada. Baseado em um *corpus* literário propomos uma análise de como essa bebida foi utilizada e como se dava o seu consumo ritualístico assim como as descrições de quem o servia e para quem.

Palavras-Chaves: Bebidas sagradas; Rituais; Literatura Escandinava Medieval.

The sacredness that comes from the cups: the use of drinks in myth and Norse Medieval Literature

Abstract: From Pre-History, as much food as the drinks had a deep connection with religious rituals. Used as a bridge to reach other worlds, to invoke the spirits of the dead, to celebrate and toast the victories, ask and then thank the good harvests and the constant fertility of the land, women and animals granted by the gods as well be the source of inspiration for artistic creation, alcoholic beverages have always played an important role in the religious sphere. In Medieval Scandinavia mead it was critical in some religious rituals involving war victories and political-military alliances and was the drink that inspired the creation of poetry making it so sacred. Based on a literary corpus propose an analysis of how this drink was used and how was your ritualistic consumption as well as the descriptions of those who served and to whom.

Key Words: Drinks sacred; rituals; Scandinavian Medieval Literature.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB - Programa de Pós-Graduação em Letras) e membro do NEVE, *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos* e CEIA, *Centro Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade* (Universidade Federal Fluminense - UFF). E-mail: fadacelta@yahoo.com.br

El carácter sagrado que viene de las copas: el uso de las bebidas en el mito y la literatura medieval nórdica

Resumen: A partir de Pre-História, tanta comida como las bebidas tenían una profunda conexión con los rituales religiosos. Se utiliza como un puente para llegar a otros mundos, para invocar a los espíritus de los muertos, para celebrar y brindar por las victorias, pregunte y luego gracias a las buenas cosechas y la fecundidad constante de las tierras, las mujeres y los animales otorgados por los dioses, así sea la fuente de inspiración para la creación artística, las bebidas alcohólicas siempre han jugado un papel importante en el ámbito religioso. En Escandinavia medieval Mead fue crítico en algunos rituales religiosos relacionados con las victorias de guerra y las alianzas político-militares y era la bebida que inspiró la creación de la poesía por lo que es tan sagrado. Sobre la base de un corpus literario proponer un análisis de cómo se utilizó esta bebida y cómo era su consumo ritual, así como las descripciones de los que sirven y para quién.

Palabras clave: Bebidas sagradas; Rituais; Literatura Escandinava Medieval

Recebido em 05/09/2015 - Aprovado em 30/09/2015

As bebidas alcoólicas sempre tiveram espaço de destaque no cotidiano da humanidade desde a Pré-História. Os primeiros fermentados de cereais – a cerveja Mesopotâmica, – foi ofertada aos sumérios pela deusa Ninkasi para saciar a sede e confortar o espírito. Em louvor à deusa foi composto um hino que descreve a composição da cerveja, a maneira de prepará-la e a alegria que o seu consumo proporcionava. O ato de consumir a cerveja para os sumérios simbolizava beber o corpo de Ninkasi e assim, celebrar a vida que ela oferecia como dádiva. A cerveja, portanto, possuía um caráter sagrado. Para os gregos e romanos o vinho era consagrado ao deus Dionísio/Baco e representava não somente uma bebida e um produto comercial por excelência: o vinho simboliza a própria vida do deus que a sacrificava para a felicidade dos homens. E, assim saciava a sede e proporcionava momentos de alegria e prazer: uma epifania como nos descreve o poeta romano Horácio: “(...) Quem depois do vinho, fica flânado da insuportável milícia ou da pobreza? Quem não fica falando ante ti, pai Baco e de ti, Vênus formosa?”²

Na Escandinávia Medieval a literatura também nos apresenta descrições e louvores aos deuses que concederam a dádiva das bebidas alcoólicas especiais e legaram aqueles que as consumiam não só a saciedade da sede, mas concederam sabedoria e dotes artísticos. Na literatura escandinava medieval encontramos tanto poemas como narrativas que descrevem a importância das bebidas na vida cotidiana seja, como um bálsamo, um alimento sagrado, uma recompensa na vida após a morte para aqueles que foram corajosos e não tombaram frente aos piores temores ou um veículo de comunicação com os deuses. A relação que tanto deuses como humanos estabeleciam com as bebidas alcoólicas possuía um caráter sagrado que estava presente desde a escolha

² Horácio, *Ode* 1, 18(tradução de Dante Tringali).

dos ingredientes para a sua elaboração³, a elaboração era uma tarefa feminina por excelência⁴ e as mulheres se responsabilizavam por todo o processo: colheita tanto das ervas empregadas para garantirem a longevidade do produto – que era geralmente preparado durante os períodos mais quentes na primavera e no verão para durarem todo o longo e gelado Inverno, - bem como textura, aroma e um bom sabor. Além disso, essas ervas aromáticas e de comprovado valor medicinal e de uso mágico, também concediam tanto à cerveja como ao hidromel uma sacralidade.

A literatura medieval escandinava é responsável por nos apresentar um *corpus* que nos mostra a origem mitológica dessas bebidas⁵ e, como os deuses a ofertaram aos homens mesmo que em alguns casos isso seja feito de maneira não intencional como analisaremos mais adiante no que diz respeito ao hidromel da poesia que goteja do próprio Odin para pingar na fronte dos futuros escaldos. Pautaremos a nossa análise acerca da sacralidade do hidromel e da cerveja⁶ tendo como fontes a *Edda Menor* de Snorri Stúrluson e a *Edda Maior* majoritariamente nos episódios que descrevem o roubo do hidromel por Odin que era guardado pela gigante Gúnnlod e nos revelam como a bebida destinada apenas ao deleite dos deuses foi a responsável pelo surgimento da poesia segundo a mitologia nórdica.

A *Edda Maior* ou *Edda Poética* – corpus que será analisado o fragmento que relata o roubo do hidromel por Odin – trata-se de uma composição mais simples e pouco rebuscada de autoria anônima, sendo essa poesia centrada nos temas mitológicos e heroicos procurando cantar tanto os feitos dos deuses como as venturas e desventuras dos heróis. Em forma de versos temos em detalhes o roubo do hidromel por Odin que, metamorfoseado em águia após a apropriação do sagrado licor, alça voo e descuidadamente deixa que algumas gotas caíam sobre algumas pessoas e essas, ungidas por essa sagrada bebida tornam-se poetas/escalados.

O *Hávamál* ou Os Ditos de Har apresenta nos versos 104 a 110 a aventura empreendida por Odin para seduzir a gigante Gúnnlodd e roubar o hidromel para que esse

³ É necessário salientar que o uso de ervas aromáticas e de uso mágico eram largamente empregadas na preparação de bebidas alcoólicas na Escandinávia Medieval. Consultar os verbetes: “Bebidas sagradas nórdicas” e “Encantamentos das Nove Ervas” in: LANGER, 2015.

⁴ LANGER e CAMPOS, 2012, 141-161.

⁵ A civilização alimentar da alta Idade Média europeia é marcada pelo triunfo do vinho, bebida ao mesmo tempo apreciada e de consumo diário. A densa cerveja – que só muito mais tarde se tornará o líquido claro e transparente aromatizado, o lúpulo, durante o que conhecemos sob o nome de cerveja – será, durante muito tempo, o símbolo da cultura germânica, e os pagãos usam-na em seus rituais para marcar sua oposição à sacralidade cristã do vinho. Com o tempo, porém, ela deixará de rivalizar com este, que acabará por ser reconhecido – por motivos de gosto e de imagem – como a bebida de prestígio por excelência (MONTANARI, 1998, 286).

⁶ A civilização alimentar da alta Idade Média europeia é marcada pelo triunfo do vinho, bebida ao mesmo tempo apreciada e de consumo diário. A densa cerveja – que só muito mais tarde se tornará o líquido claro e transparente aromatizado, o lúpulo, durante o que conhecemos sob o nome de cerveja – será, durante muito tempo, o símbolo da cultura germânica, e os pagãos usam-na em seus rituais para marcar sua oposição à sacralidade cristã do vinho. Com o tempo, porém, ela deixará de rivalizar com este, que acabará por ser reconhecido – por motivos de gosto e de imagem – como a bebida de prestígio por excelência (MONTANARI, 1998, 286).

seja somente consumido pelos deuses. A sacralidade conferida a essa bebida não é somente pela sua origem envolvendo o deus Odin, mas também pelo fato de seu ingrediente principal, o mel ser algo raro e de difícil acesso. Na Escandinávia da Era Viking todo o mel consumido era essencialmente silvestre (LANGER, 2015), a apicultura ainda era pouco ou nada desenvolvida o que tornava o mel um ingrediente que estava somente ao alcance de poucos e, conseqüentemente o hidromel era consumido apenas pelas famílias mais abastadas - e sendo uma bebida odínica por excelência, era servido em ocasiões especiais – como para celebrar alianças político-militares que envolviam alguma espécie de ritual sagrado ou em festividades religiosas e reforça-se o caráter de sagrado dessa bebida.

O hidromel além de ser a bebida que proporciona a inspiração para arte de se compor a poesia era também utilizada pelas profetisas, pelos berserkir – guerreiros consagrados a Odin – para conseguirem atingir o êxtase e, conseqüentemente o furor na batalha e claro para os líderes, os grandes guerreiros e os escaldos cantarem as vitórias das batalhas e glorificarem o deus de um só olho.

Analisaremos o excerto do *Hávamal* que descreve como Odin roubou da gigante Gúnnlod o hidromel:

105 “Gúnnlod me deu em seu trono de ouro
Do sublime hidromel;
Mas eu a paguei depois
Sua boa intenção,
Seu sentimento sincero.

107 Da bela consegui bem me servir
Pouco falta ao sábio!
E Odrórir agora no alto está,
No templo do deus dos homens.

O trecho do poema adjectiva o hidromel como sublime, (do latim **sublimis**, “que se eleva”) apontando que a bebida não é somente algo para saciar a sede e ser consumida em comemorações, ela é antes de tudo um elo de união entre homens e deuses. Ao elevarem-se ao mesmo patamar que os deuses, fosse pelo êxtase causado pela sua ingestão da sagrada bebida, pois o hidromel consumido pelos nórdicos possuía teor alcoólico baixo em torno de 3/5 graus - o mesmo que um cerveja tipo Pilsen e/ou Lager da atualidade. Como sabemos o excesso que leva ao êxtase é característico da cultura

germânica⁷ como um todo: o bom chefe e guerreiro deve cometer os maiores excessos à mesa comer e beber em demasia denota força, vigor, liderança e virilidade.⁸

O consumo de hidromel estava reservado aos chefes mais poderosos e aos melhores guerreiros como a elite guerreira dos *Bérserkir* consagrados a deus Odin e aos poetas escaldos⁹ era portanto reservado a um seletto grupo de homens que acreditava que no *pós-mortem* adentraria aos salões do Valhala e, ao lado dos deuses se alimentariam da carne de porco que mesmo depois de ser totalmente devorada no dia seguinte está pronta para ser consumida novamente (MONTANARI, 2003, 36) e de hidromel enquanto aguardavam o Ragnarok.

O hidromel é ofertado a Odin por Gúnnlod que o faz como uma espécie de pagamento pelo amor e prazer recebido pelo deus durante os três dias que passaram juntos antes do roubo da bebida. O poema canta que o a jovem de sentimentos sinceros e com boas intenções não se importa em dividir o hidromel da qual ela é a guardiã com aquele que está envolvida amorosamente. Essa ligação entre Gúnnlod e Odin tendo o hidromel como elo de ligação entre os amantes e pode ser interpretada no poema como uma união sagrada entre o deus e a donzela guardiã da bebida sagrada. A descrição de Gúnnlod no decorrer do poema é apresenta uma bela jovem (verso 107) e o eu-lírico do poema que é uma voz masculina gaba-se que bem se serviu dessa jovem: seja do seu amor, seja do hidromel que conseguiu não só apreciar enquanto recebia os afagos de Gúnnlod, mas como o subtraiu de sua guarda e o conduziu ao seu templo para que fosse servido somente aos deuses. Mas o deus ainda embriagado de duplo prazer bebe todo o hidromel que estava dentro do caldeirão guardado pela donzela seduzida e, ao alçar voo repentinamente deixa cair gotas do sagrado líquido na frente de algumas pessoas que se tornarão os poetas escaldos inspirados pelo hidromel da poesia.

⁷ “Nos testemunhos da literatura nórdica fala-se frequentemente da *Hallenfreude*, a “alegria do salão”, que surgia quando os vassallos celebravam tais *conviva* com ou sem seu senhor. (ALTHOFF, 1998, 307)

⁸ Massimo Montanari faz um estudo detalhado sobre a relação entre a ingestão excessiva de comida e bebida com força, virilidade e poder político-militar no capítulo “A comilança e o jejum” na obra *A fome e a abundância* (MONTANARI, 2003).

⁹ O escaldo era, portanto, um poeta com um grau e elevado de letramento – conhecia os vários tratados de versificação, poesia éddica, narrativas mitológicas e sabia também recitar tanto os versos que compunham como as criações poéticas de outros escaldos. Era, portanto um profissional da poesia que colocava sua arte do “fazer poético” a serviço de quem pudesse pagar por esses serviços. (CAMPOS, 2015, 11)



Figura 1: Pormenor da estela Stora Hammars III, Gotland, Suécia, século IX d.C.
Disponível em: <http://norse-mythology.org/wp-content/uploads/2012/11/Mead-of-Poetry.jpg>

Na imagem da estela observamos quando Gúnnlod segurando o corno com hidromel o oferece a Odin metamorfoseado em águia. A imagem da estela representa o trecho do poema em que a gigante¹⁰ oferece a taça (aqui representada por um corno de animal que era muito utilizado como copa para servir bebidas especiais como o hidromel) e águia e é observada por seu pai, o gigante Suttung. Essa cena reflete uma questão fundamental no mundo nórdico: a hospitalidade que deve ser dispensada a quem quer que chegue. Essa questão da hospitalidade é comum a muitas narrativas tanto nórdicas como também do mundo celta onde a donzela é responsável por receber os hóspedes e oferecer-lhes tanto abrigo como comida e bebida. (JAKOBSDÓTTIR, 2002, 35).

Entre os germanos antigos e os celtas havia a presença de uma dama de alta posição social oferecendo hidromel aos hóspedes da hierarquia real. O hidromel é oferecido também aos guerreiros mais valorosos que estão presentes no salão real. Aceitar o hidromel oferecido pela dama é um sinal de respeito e deferência para com o rei (KVILHAUG, 2004, 27). Além do que a oferta do hidromel pela dama proporciona uma influência de estabilidade entre todos que compartilham a bebida, proporcionando assim a ligação com os deuses. A narrativa celta “A razia das vacas de Cooley” apresenta a rainha Medbh – cuja tradução do nome significa “embriaguez, intoxicação” – que oferece a “amizade de suas coxas” a todos aqueles que adentram a sua morada mostrando como a

¹⁰ Segundo Jakobsdóttir as Valquírias e a Gigantas serviam como meio de ligação entre os mundos, conectando assim, deuses e homens. (JAKOBSDÓTTIR, 2002, 45).

hospitalidade era fundamental e não era apenas demonstração de boa vontade para com os viajantes, mas principalmente era uma demonstração de poder.

A mesa farta de bons utensílios (CAMPOS, 2011, 8), de comida e bebida – principalmente carnes – eram um demonstrativo de força¹¹ e, consequentemente, apresentavam ao hóspede que a casa visitada era administrada por alguém poderoso e que não se intimidava em demonstrar todo o seu poder em uma refeição faustosa. Oferecer um banquete que possui ligações profundas com a esfera religiosa, pois é justamente nos banquetes que se oferecem brindes aos deuses agradecendo tanto as vitórias em batalhas como as alianças e conquistas. Ao brindarem com hidromel que, como já dito é destinado aos chefes e aos melhores guerreiros, também está relacionado a uma espécie de casamento sagrado entre a donzela (Valquíria, giganta ou mesmo uma rainha celta!) e o deus personificado na figura do guerreiro ou do rei (KVILHAUG, 2004, 22). Podemos interpretar a oferta de hidromel pela figura feminina no contexto da *Edda Poética* possui características sobrenaturais que nos remetem à idéia da hierogamia (KVILHAUG, 2004, 30). Podemos observar como o deus Odin metamorfoseado em águia está recebendo das mãos da donzela a taça com hidromel que é o símbolo da união sagrada entre os dois.

Ao nos atermos à figura da donzela que oferece o hidromel – pois tanto a *Edda Poética* como também algumas narrativas celtas conferem relevância a ela demonstrando como o ato de oferecer a bebida possui uma estreita ligação com o nome das donzelas ou rainhas que seguram a copa de bebida que geralmente estão ligados à intoxicação ou êxtase e alguns casos específicos também fazem referência a cor vermelha¹² que advém provavelmente da mistura do mel, das frutas e ervas que eram utilizadas na elaboração do hidromel e da cerveja. Como a cerveja também era muito utilizada tanto em rituais (MONTANARI, 2003, 33) como uma oferta de sacrifício e como um meio de acesso aos deuses essa bebida também merece destaque em algumas composições poéticas como, por exemplo, o *Alvísmál*. As estrofes 13 e 14 do *Alvísmál* explicitam essa ligação com o a sacralidade da bebida e a intoxicação provocada depois de sua ingestão o que pode ser interpretada como a embriaguez que proporciona a ligação com os deuses:

13 A Garça do esquecimento paira sobre a cerveja;
Ele rouba dos homens a inteligência; com as penas
deste pássaro.

¹¹ “(...) as carnes assadas expressam a ligação muito estreita existente entre as noções de consumo de carne e de força física, uma ligação que aparece em todos os aspectos da cultura medieval. Com efeito, embora a ciência dietética da época seja herdeira da tradição antiga, ela a adaptou, valorizando o consumo da carne nos planos nutricional e social. Ela não hesita, também, em apresentá-la como o alimento mais adaptado ao homem “físico”, a seus músculos, a sua carne (MONTANARI, 1998, 293). 12 Na cultura das classes dominantes, principalmente, este valor primário da carne é fortemente considerado e afirmado. A carne surge, aos olhos desses grupos, como um símbolo de poder, o instrumento para obter energia física, vigor, capacidade de combate; qualidades que constituem a primeira e verdadeira legitimação do poder” (MONTANARI, 2003, 28).

¹² “The Irish drink was both red in colour and intoxicating. That is so strong a characteristic of the drink that even in the stories where the king is given the holy drink from a spring its intoxicating effect is mentioned (O’Rahilly 1946b, 14ff.; Rees and Ress, 75)” (JAKOBSDÓTTIR, 2002, 37)

14 Eu estava agrilhado no tribunal de Gúnnlod.
Bêbado eu estava, eu estava mais do que bêbado do que o
sábio Fjalar.

A estrofe inicia-se denominando uma bebida diferente do hidromel, mas que possuía grande importância por tratar-se de uma bebida cotidiana utilizada muitas vezes em substituição à água que era veículo condutor de doenças e que durante a sua elaboração era possível eliminar as impurezas. O acréscimo de ervas à cerveja garantia cor, sabor e a conservavam por mais tempo. Essa mistura “mágico-aromática” conferia um caráter sagrado, pois as ervas empregadas eram consagradas a determinados deuses que “protegiam” a bebida e, conseqüentemente quem a ingerisse e, devido ao seu teor alcoólico baixo podia ser consumida por todos. O *Ahvismál* poema medieval integrante da *Edda Poética*¹³ nas estrofes 33 e 34 apresenta um diálogo entre o deus Thor e o anão Alívs sobre as bebidas consumidas no mundo dos homens e dos deuses. No decorrer dos versos observamos as descrições de cada uma das bebidas e quem e quando deviam consumi-las¹⁴. Nesse poema podemos observar que as bebidas mesmo as cotidianas possuíam uma ligação com o sagrado, pois elas eram compreendidas como presente dos deuses: para a elaboração da cerveja, por exemplo que era uma mistura de cereais (trigo, centeio, aveia, cevada, sorgo) com algumas ervas acres para garantir aroma, sabor e também conservá-la

Para que as colheitas fossem abundantes era necessário que os deuses fossem benevolentes e com as suas bênçãos pudessem ter alimentos em abundância e, conseqüentemente cerveja e hidromel em quantidade para serem ofertados aos deuses. As ervas utilizadas na preparação das bebidas – mais especificamente da cerveja e do hidromel - eram ingredientes fundamentais de algumas poções mágicas¹⁵ e curativas e tendo o seu uso diretamente ligado aos deuses e também sendo utilizadas como tema de poemas. Algumas dessas ervas, como, por exemplo, a Artemísia (*Artemisia abisinthium*), a crista-de-galo (*Heliotropium indicum*) e a Urtiga (Urtiga dioica) são consideradas alucinógenas. E a sua ingestão pode causar vômitos, tremores e, em casos extremos até alucinações. O poema fala da Garça do esquecimento, uma clara alusão à intoxicação provocada pelo excesso de álcool causando um estado de embriaguez que eleva os homens aos deuses e assim proporciona visões de futuro de glórias e vitórias. O esquecimento de que fala o poema é o esquecimento momentâneo: esquece-se do quão chefe/guerreiro/rei poderoso é, dos pudores e das regras de vida que moldam sua

¹³ Manuscrito Codex Regius, GKS 2365 4to, século XIII.

¹⁴ Consultar: LANGER e CAMPOS, 2012, 141-164.

¹⁵ O Encantamento das Nove Ervas de Odin embora seja um poema composto em inglês antigo ele apresenta não só as plantas consagradas a Odin, mas o seu uso mágico e terapêutico. Consultar: BRAGANÇA JÚNIOR, 2015, 155-159.

conduta. Sob o efeito dos licores¹⁶ ofertados pela taça de Gúnnlod esquece-se das dores, dos rancores, dos males e se vislumbra as delícias de se beber entre os deuses.

A outra estrofe ainda faz menção clara a perda momentânea dos sentidos e a ausência de “inteligência” que nada mais é do o efeito mais comum da grande ingestão de álcool: não estar cômico de seus atos e cometer excessos que durante um ritual são vistos como a ligação estreita com o mundo dos deuses e a própria manifestação desses. O roubo da inteligência pela bebida é a metáfora perfeita para apresentar a sacralidade da bebida e a sua importância para a entrada no mundo dos deuses. Ao mesmo tempo em que tem a sua inteligência roubada pelo êxtase alcoólico, sente-se preso, ou melhor agrilhado, ao trono dourado de Gúnnlod: a donzela que oferece a bebida aprisiona o deus Odin em seu trono. Seja pela paixão que a donzela desperta: o desejo de possuí-la, ou o desejo de roubar o preciso hidromel que será destinado somente aos paladares divinos o deus deixa-se aprisionar por vontade própria.

Ao reconhecer-se bêbado, ou melhor, mais bêbado do que o sábio Odin, e em um momento em que não governa mais a própria razão, conseguimos perceber no poema que a bebida é capaz de causar um intoxicação também nos deuses permitindo que eles possam vislumbrar tudo que os cerca, só que de uma outra maneira. A alteração de consciência causada pela ingestão de álcool provoca rompantes de felicidade onde há gratidão por estar preso com delicadas penas de garça a donzela que guarda o hidromel.

Em sua dissertação de mestrado Kvilhaug faz uma análise sobre a importância da donzela ou rainha¹⁷ tem uma dupla função ou guardiã do hidromel¹⁸ – no caso específico de Gúnnlod – ou das rainhas que nos banquetes cerimoniais e rituais são as responsáveis por servir hidromel aos homens presentes no salão. No decorrer de sua análise a historiadora mostra como a figura feminina possui uma função estabilizadora naquele ambiente¹⁹. Ao ser a portadora da copa que carrega o licor sagrado que possibilita a união com os deuses ela é quem decide quem escolhe quem será o primeiro a ser servido entre todos os homens que se tornaram dignos de compartilhar o hidromel. A sacralidade não só da bebida em si, mas, do ritual que a cerca – desde o seu aparecimento como uma bebida perfeita que deveria, portanto, ser guardada e somente apreciada por aqueles que se tornassem dignos dela²⁰ até o momento em que é ofertada pela mulher de alta posição social para aqueles que merecem compartilhá-la – o hidromel é símbolo de poder, de ligação de divina e, de inspiração para que os escaldos possam compor suas poesias²¹ de

¹⁶ Aqui utilizamos “licor” como sinônimo de líquido com teor alcoólico e não uma referência à bebida preparada a base de aguardentes, açúcar, ervas, frutas e essências sintéticas.

¹⁷ “While this has been well-know among scholars, according to Enright the importance of the role of the lady in the ritual has been neglected” KVILHAUG, 2004, 29.

¹⁸ “She sanctified the status of each warrior made them all into a band of brothers which was also a perfectly hierarchical family. Her presence was essential, because the “briding rite” that she performed was her particular duty” KVILHAUG, 2004, 29.

¹⁹ “The Queen, through the mead-offering ritual, was a stabilizing influence” KVILHAUG, 2004, 29.

²⁰ Verbete Hidromel da Poesia: LANGER, 2015, 247-250.

²¹ Consultar o verbete “Escaldos”: LANGER, 2015, 166-167.

glórias e guerras e, assim deleitar os seus ouvintes, pois foram agraciados com as gotas do divino hidromel caídas do bico da águia odínica.

No decorrer de sua dissertação Kvilhaug mostra como o ritual tanto de oferecimento como de apreciação do hidromel por todos os presentes no salão é uma maneira de preservação do mito do roubo do hidromel onde a donzela – ou a rainha – é a personificação da própria Gúnnlod que em pose ativa como representada na estela que foi analisada anteriormente, concede o corno de hidromel para o deus Odin depois que esse rendeu-se aos encantos da donzela e mostrou-se portanto digno de receber e mesmo sem querer compartilhar com outros a bebida que escorreu de bico.

A temática das bebidas sagradas – principalmente as representações do hidromel – que estão presentes na literatura nórdica medieval é ainda um campo de estudos que merece ser mais cuidadosamente estudado. As bebidas são muito mais do que um alimento todas elas estão envolvidas em origens míticas e, portanto sagradas e além de serem a mediação entre homens e deuses, elas tem a sua elaboração cercada de ingredientes mágicos o que confere a cada uma delas uma profunda ligação com o sagrado. Ao analisarmos com atenção o *Hávamál* e o *Alvimál* podemos perceber que a literatura foi a responsável por grafar e cantar a importância do hidromel – inspirador da poesia escáldica e bebida ritualística para os eleitos de Odin – e é esse *corpus* que nos permite analisar a importância social, cultural e principalmente religiosa das bebidas na sociedade nórdica medieval e assim conseguirmos compreender a importância dessas bebidas não só no ritual mas no cotidiano dessas populações.

Ao nos debruçarmos sobre esse tema tão deliciosamente instigante, presente na poesia nórdica medieval pudemos observar que a literatura produzida naquele momento preocupou-se em representar a importância das bebidas tanto para os rituais religiosos como também descreveram poeticamente a importância das donzelas e rainhas nos rituais onde a bebida era servida e consagrada. A descrição poética desses seres femininos é importante também para se entender não somente de como se desenrolava o ritual mas como funcionava a hierarquia que consumia essa bebida.

A marcialidade, a poesia, a celebração da vida e das vitórias cabem todas no mesmo corno de hidromel. Roubado pela águia e deixando que algumas gotas ungissem a fronte de eleitos e que inspirados por elas tornaram-se poetas e, portando dignos de continuarem desfrutando da bebida para que suas penas jamais parassem de produzir e cantar o “convite para a batalha”²² aceito por Odin. Ao batalhar amorosamente nos braços de Gúnnlod e roubar o hidromel, os deus ofertou aos poetas e mortais uma maneira de cantar as vitórias nas batalhas comemoradas em banquetes sagrados para honrar os deuses ou simplesmente cantar a sacralidade que cabe nas taças e cornos cheias do sagrado licor.

²² O nome Gúnnlod em tradução direta significa “convite para a batalha.” Conforme: LANGER, 2015, 236-237.

Referências

- ALTHOFF, Gerd. “Comer compromete: refeições, banquetes e festas”. In: BIRLOUEZ, Eric (Ed.). *À la table des seigneurs, des moines et des paysans du Moyen Age*. Paris : Editions Ouest-France, 2009.
- BRAGANÇA, Alvaro. “Encantamento das Nove Ervas”. In: LANGER, Johnni (Org.) *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2013.
- CAMPOS, Luciana de. “Banquetes rituais na Era Viking.” In: LANGER, Johnni (Org.) *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.
- _____. “Bebidas Sagradas Nórdicas”. In: LANGER, Johnni (Org.) *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.
- _____. “Plantas Mágicas”. In: LANGER, Johnni (Org.) *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.
- _____. Mandrágora: a planta das bruxas. *Notícias Asgardianas* 6 (dossiê: Bruxaria e feitiçaria nórdica), 2014, pp. 4-10.
- _____. Taverna Quando Sumus: A taberna medieval como espaço de prazer e poder. Rio de Janeiro: *História, Imagem e Narrativa* 16, abril/2013.
- _____. Um banquete para Heimdallr: uma análise da alimentação viking na Rígsþula. Rio de Janeiro: *História, Imagem e Narrativa* 12, abril/2011.
- FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, 6ª. Edição.
- HAGEN, Ann. *Anglo-Saxon food and drink*. London: Anglo-saxon books, 2010.
- JAKOBSDÓTTIR, Svava. “Gunnlod and the Precious Mead”. In: ACKER, Paul and LARRINGTON, Carolyne (Ed.). *The Poetic Edda*. London: Routledge, 2002.
- KVILHAUG, Maria. *The maiden with the mead. A goddess of initiation in norse mythology*. Master Dissertation in History of Religions. Departament of Culture University of Oslo, Spring, 2004.
- LANGER, Johnni. “Gunnlod”. In: LANGER, Johnni (org.) *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.
- LANGER, Johnni. “Hidromel da Poesia”. In: LANGER, Johnni (org.) *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.
- LANGER, Johnni e CAMPOS, Luciana de. Brindando aos deuses. Representações de bebidas na Era Viking, no cinema e nos quadrinhos. Rio de Janeiro: *Revista de História Comparada*, 6(1), 2012, pp. 141-164.
- LEICK, Gwendolyn. Mesopotâmia. *A invenção da cidade*. Rio de Janeiro, 2003.
- MARKALE, Jean. *Nouveau Dictionnaire de Mythologie Celtique*. Páris: Pygmalion/Gérard Watelet, 1999.
- MONTANARI, Massimo. *A fome e a abundância*. São Paulo: Senac, 2003.
- _____. (org) *O mundo na cozinha*. História, Identidade, Trocas. São Paulo: SENAC, 2009.
- _____. “Os camponeses, os guerreiros e os sacerdotes: imagem da sociedade e estilos de alimentação”. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (Ed.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, 6ª. Edição.
- STÚRLUSON, Snorri. *Edda Menor*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- TRINGALI, Dante. *Horácio o poeta da festa*. São Paulo: Musa Editora, 2003.